

FSH - FACULDADE SANTA HELENA

**ASPECTOS EDUCACIONAIS NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE SURDA**

RISOMAR SOUZA DO NASCIMENTO

RECIFE
2009

FSH - FACULDADE SANTA HELENA

**ASPECTOS EDUCACIONAIS NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE SURDA**

RISOMAR SOUZA DO NASCIMENTO

Monografia apresentada a Faculdade Santa Helena para obtenção do título de especialista em Educação Especial: Estudos Surdos. Orientada pela Prof.^a Denise Costa Menezes.

Recife
2009

FSH - FACULDADE SANTA HELENA

**ASPECTOS EDUCACIONAIS NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE SURDA**

RISOMAR SOUZA DO NASCIMENTO

Monografia aprovada em 14/11/2009, para obtenção do título de especialista em
Educação Especial: Estudos Surdos.

Prof^a. Dr^a. Denise Costa Menezes (Orientadora)

Prof^o. Ms. Liliane Longman

Prof^o. Lúcia Inês Barreto

Recife
2009

As minhas irmãs Rozélia, Rosinete e Ricleide por me proporcionar um grande aprendizado de vida e motivos de orgulho e muito amor para com elas. A minha dedicada orientadora Denise Menezes que foi uma verdadeira guia, me direcionando com paciência e motivação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de toda sabedoria, pela força, pela coragem, pela luz que ilumina os meus atos, pelos ensinamentos e por me dar esta oportunidade em avançar mais um degrau na minha vida acadêmica. A Ele toda honra, toda glória, todo louvor.

A todos os professores que contribuíram imensamente para a ampliação valiosa da minha aprendizagem sobre o universo surdo.

A minha inestimável professora Liliane Longman há quem muito admiro.

A distinta professora Tereza Campello pelo seu profissionalismo.

A minha querida amiga Elisama Marinho pela colaboração e amizade sempre constantes.

Ao meu querido sobrinho André Renato pela valiosa assistência.

“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque eu amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.”

Paulo Freire.

SUMÁRIO

	Página
Introdução	10
Capítulo 1: A identidade Surda	12
Capítulo 2: A Educação de Surdos no Brasil	15
Capítulo 3: Fatores Educacionais Relacionados à Construção da Identidade Surda	19
Capítulo 4: Aspectos Metodológicos do Estudo	25
Capítulo 5: Um olhar empírico sobre os aspectos que influenciam na construção da identidade surda	28
Capítulo 6: Considerações Finais	35
Referências Bibliográficas	36
Apêndices	37

RESUMO

Este trabalho pretendeu analisar a relação entre aspectos educacionais e a construção da identidade surda. Quando comparadas às políticas de inclusão com as práticas educacionais vivenciadas no dia-a-dia, vem à tona fatores que por um lado contribuem para a formação da identidade surda, mas que podem também ser desfavoráveis. Através de entrevistas feitas com professores que lidam com alunos surdos inclusos, foram obtidos dados relevantes sobre o assunto, que quando comparados, analisados e discutidos, mostram as evidências anteriormente observadas nas teorias de alguns importantes autores dentro desta área. Os resultados mostram que a falta de reconhecimento cultural, lingüístico e identitários do aluno surdo incluso estão presentes no dia a dia escolar, desfavorecendo a construção da identidade surda.

Palavras-chave: Surdo; Identidade; Educação;

ABSTRACT

This study intended to analyze the relation between educational aspects and deaf identity. Some of these aspects may contribute for the development of deaf identity (and culture), and some of them may become a difficulty. In order to understand more about this context, deaf children teachers were interviewed. According to the literature, results has shown that the sign langue and the deaf culture are not being well considered in schools for the deaf. This may be a problem for the development of the children identity and also for their educational process.

Key-words: Deaf; Identity; Education;

Introdução

A inclusão educacional é um assunto que atualmente está gerando e despertando discussões, principalmente em meio a grupos e comunidades de cultura e línguas diferentes. Uma discussão importante emerge da reflexão sobre o quanto as escolas ditas inclusivas estão preparadas para receber alunos surdos, e mais especificamente, o quanto essas escolas estão participando na construção da identidade surda dentro das suas subjetividades, língua e cultura.

Aspectos que fazem parte da prática educacional podem surgir de modo a contribuir ou dificultar a construção da identidade do surdo. São inúmeros fatores que derivam destes aspectos entre os quais podem ser citados: Recursos visuais a dispor da educação, investimento na cultura surda, professores surdos em sala de aula, políticas públicas de inclusão, o bilingüismo como filosofia educacional, educação em posição subalterna, exclusivismo da língua portuguesa, a escola que não reconhece a diferença e o surdo que não tem espaço. Esses aspectos estão inseridos no eixo das discussões sobre a inclusão do aluno surdo na sala de ensino regular. A consequência do desconhecimento da língua, da cultura e das subjetividades surdas por parte da sociedade, gera incompetências nas relações com a causa surda, como por exemplo: Nas políticas públicas e na inclusão do surdo.

Diante do exposto, pergunta-se: Qual a influencia dos aspectos educacionais na construção das múltiplas identidades surdas? Na intenção de responder esta e outras questões dentro da temática, este estudo foi realizado objetivando analisar informações coletadas de professores (ouvintes) de alunos surdos. Essas informações geraram reflexões e discussões, que são apresentadas ao leitor com base na teoria de alguns autores importantes da área, assim como: Skliar (1998), Perlin (2005), Quadros (2006), Edler (2004), Longmam (2008), Machado (2008), Sá (2006) e Strobel (2008).

Especificamente, foi possível analisar a influência de aspectos educacionais que contribuem ou dificultam na construção da identidade surda.

Pode-se dizer neste momento que determinados aspectos educacionais, concorrem favoravelmente na possibilidade de otimizar a construção da identidade surda, desde que sejam respeitadas as subjetividades e cultura do ser surdo.

Capítulo 1: A Identidade Surda

De acordo com Perlin, (2005) e Sá (2006), a identidade é uma consequência da pós-modernidade, ou seja, ela está sempre sendo transformada, construída, e ainda deve ser caracterizada como *plural móvel e fragmentada*. A identidade não é estática, fixa, nem permanente, pois está intimamente interligada aos grupos sociais e políticos e ao pertencimento cultural.

Ao se pensar sobre os elementos formadores da identidade cultural (que serão abordados ao longo desse texto), faz-se viável a definição de características peculiares da identidade surda. Para se pensar nessas características, é necessário se afastar do conceito de “corpo danificado” (necessidade de normalização) e concluir uma representação de alteridade cultural.

O fato de o surdo estar inserido dentro da cultura ouvinte faz com que sua identidade se construa de forma reprimida. O surdo está sempre em dependência do seu igual, surdo, para revalidar a sua identidade. A experiência visual é uma marca imprescindível do surdo e faz a diferença da identidade ouvinte. A identidade surda está fortemente ligada a uma construção multicultural e não deve ser confundida como uma diferença isolada. As identidades surdas apresentam características próprias e distintas entre si (PERLIN, 2005)

Perlin (2005) categoriza a identidade surda em cinco tipos: 1- *Identidade Política Surda*- apresenta acentuada militância pela causa surda, tem consciência da sua diferença, zela pela cultura surda e geralmente são filhos de pais surdos.

2- *Identidades Híbridas*- nascem ouvintes e tornam-se surdos por causas e motivos diversos; descobrem uma forma de usar a dualidade na comunicação, em diferentes situações; usam o português falado, ou seja, pensam em português, mas dependem dos sinais. 3- *Identidades Surdas de Transição*- surdos que foram condicionados a cultura e experiência ouvinte e mais tarde optam pela cultura surda; geralmente são filhos de pais ouvintes. Esses surdos passam pelo processo de

descondicionamento da caracterização da identidade. 4- *Identidade Surda Incompleta*- o surdo nega a representação surda e não se aceita como surdo, diante da predominância ouvintista. É a cultura dominante sobre o surdo, impedindo-o de exercer o livre arbítrio. Sem poder de decisão sente-se aprisionado e cativo em um mundo abstrato; desconhece a língua de sinais e a cultura surda. 5- *Identidades Flutuantes*- nesta representação identifica-se o surdo consciente ou não de ser surdo, mas que despreza a cultura surda e se conforma com a cultura ouvinte; esforça-se para ser ouvintizado, mas não consegue se inserir na comunidade ouvinte, pois lhe falta a comunicação e não participa da comunidade surda, porque não domina a língua de sinais.

Percebe-se então que, os tipos de identidade classificadas por Perlim são diversificadas e sua estrutura de construção parte dos sujeitos surdos que são membros desse grupo cultural. Para adotar com clareza as definições de poder que intervém na construção das identidades surdas, questiona-se o que é considerado *normal e anormal*. Se a identidade e a diferença são postas em questionamento, a própria sociedade também é questionável. A sociedade adota padrões de conduta do que é normal ou anormal e tudo que não condiz como normal é um “desvio” e isso é levado como um problema. Rótulos que servem para pressionar as identidades dos surdos são usados por educadores como: “D.A” deficiente auditivo”, “portador de necessidades”, não levam em consideração que na realidade o povo surdo tem a surdez como marca de identificação (PERLIN, 2005; SÁ, 2006).

Na educação, a negação da cultura, da história, da língua e das identidades surdas, forma uma imposição subjetiva sobre essas identidades, sobre sua subjetividade e auto-estima. Muitas vezes, o objetivo principal é de que os surdos deixem de lado sua identidade, os marcos de sua cultura, para viverem de acordo com os padrões da cultura geral comum. São encontrados modelos padronizados para ouvintes e esses também são adotados para as crianças surdas. Este fato irá interferir na construção da identidade surda, favorecendo o aparecimento do tipo de identidade classificado por Perlim como *Identidade Surda Incompleta ou Identidade Flutuante*.

Negar a interação com adultos surdos é uma maneira de negar a expansão da identidade do surdo. A divulgação, o acesso, a adoção e o uso da língua de sinais garantem a realização simbólico-cognitivo do surdo e a construção da sua identidade em todos os aspectos.

A esfera educacional é parte integrante na participação do reconhecimento da língua de sinais e conseqüentemente da construção da identidade surda. Sob essa perspectiva, nos próximos parágrafos serão apresentadas reflexões sobre a educação de surdos em nosso país.

Capítulo 2: A Educação de Surdos no Brasil

A escola tem grande importância na sua atuação como construtora e “doadora” de comunicação de linguagem a comunidade surda. Um grande percentual de surdos é oriundo de famílias ouvintes. Por esse e outros fatores que é a escola um indispensável elo de compensação social e cultural que corrige as faltas e as falhas cometidas contra as crianças surdas pela comunidade majoritariamente ouvinte.

2.1 Métodos educacionais para surdos

Segundo Edler (2004), Sá (2006), Longman (2008) e Machado (2008), a educação de surdos, no Brasil, ainda toma rumos na tradição oralista. Diante do etnocentrismo do ouvinte é enfatizada a fala e a virtuosidade da audição, de forma supostamente disfarçada sob olhares que pressupõem o melhor e o mais adequado para o surdo. Não se leva em consideração o uso contínuo da língua de sinais como ponto de partida para uma adequada educação e não se cria meios favoráveis ao processo ensino aprendizagem, através de espaço para a expansão da cultura e auto-afirmação da identidade surda. Atualmente percebe-se que uma abertura está implantada na tentativa de dar suporte ao uso da língua de sinais, porém a presença do educador surdo continua sendo peça rara.

Tentativas de encobrir o *oralismo*, que já está sendo visto com muita antipatia, foram categorizadas como *comunicação total*. Pode-se definir essa filosofia educacional como a concordância do surdo de exaltação da comunicação e utilização aleatória de recursos. Em seguida vem à educação sob o nome de “bimodal”, que nada mais é do que uma mesclagem de recursos e métodos. Além da fala para prevalecer à língua majoritária, a proposta dá ênfase a elementos da língua de sinais simultaneamente combinados com português sinalizado e de outros elementos gramaticais para traduzir oralmente e auxiliar através de ilustrações a aprendizagem da oralização. Seja qual for o caminho enveredado por profissionais que lidam com a educação de surdos e que não leve, em consideração, a língua de sinais como a primeira e natural dos surdos, será simplesmente conveniente a esses profissionais lidar com a comunidade surda (SÁ, 2006).

O *bilingüismo* é uma filosofia que propõe que seja dada ênfase a língua de sinais como principal veículo de desenvolvimento de aprendizagem do surdo. Embora se tenha adquirido mais sucesso com ele do que com outros métodos anteriormente adotados, essa é uma proposta que precisa de remates diretamente ligados a cultura, identidades surdas e também a permanência de políticas reais que mostrem ações significativas na educação, a qual todos os surdos têm direito. O desenvolvimento intelectual do estudante surdo depende do seu domínio exclusivo na língua de sinais. Resumindo, pode-se afirmar que dominar perfeitamente uma língua é um recurso muito valioso ao processo cognitivo. Esse é também o objetivo dos defensores do *bilingüismo*. Em uma educação verdadeiramente *bilíngüe*, é fundamental que o surdo tenha como ponto de partida a língua de sinais, como marca de personalidade e identidade para si mesmo e para o mundo (SÁ, 2006; MACHADO, 2008).

A educação “*bilíngüe*” deve ter como base não apenas a questão lingüística, mas é excepcionalmente indispensável abranger perspectiva *multicultural*, que exige não apenas espaço de destaque para a língua de sinais, como também assuntos de extrema importância para a identidade e a cultura surda (SÁ, 2006; LONGMAN, 2008).

Nas políticas de educação infantil para surdos é bastante salutar a escola *bilíngüe*, pois esta dará as condições necessárias na aquisição da língua materna dos surdos, a língua de sinais, além de possibilitar uma vasta experiência, trocas e conhecimentos com os seus iguais surdos. Através da construção de informações direcionadas para indivíduos com vivências visuais, que os estudantes surdos desfrutarão de grandes perspectivas de aprender uma segunda língua, ou seja, o formato escrito da língua majoritária da sua pátria. Esse processo de aprendizagem só será viável através das experiências visuais e levando-se em consideração a subjetividade surda.

2.2 Políticas Públicas de Inclusão

Vários questionamentos são levantados no que diz respeito às políticas de educação inclusiva e no que tange à aprendizagem do aluno surdo. No Brasil, a inclusão escolar de surdos acatada pelo poder público, apela para as emoções, com uma retórica de que, colocar surdos ou qualquer outro tipo de “deficiente” em escolas especiais, é discriminação, segregação e uma forma de ir contra o desenvolvimento tecnológico SÁ (2006).

A inclusão educacional está conceituada como acesso a todo ser humano, indistintamente, com permanência, tendo assegurada a sua interação com todos que compõem a comunidade escolar, a adequação necessária para a construção do conhecimento, a constituição de informações que tenham caráter desenvolvedores de aspectos identitários. Seria ilusório e utópico imaginar que a inclusão educacional surtirá de imediato os efeitos esperados, nem mesmo pode-se esperar uma transformação brusca e urgente dentro da educação. Para que verdadeiramente aconteça uma mudança e um novo significado das funções das instituições educacionais tornando-as de fato inclusivas, é necessário extinguir processos excludentes que ocorrem nas práticas e bases de funcionamento, disciplinares e pedagógicos. É fundamental o estabelecimento de uma verdadeira política pública de inclusão. (EDLER, 2004).

No sistema inclusivo que ora está perdurando, a escola integracionista/inclusivista é vista como espaço apenas de indulgência com os diferentes. A sociedade para se tornar de fato inclusiva tem que observar e acatar as inúmeras diferenças entre os sujeitos. Deve encaminhar uma maneira de atuar diferentemente com cada diferença, respeitando sua identidade e cultura para que as chances de ascensão sejam iguais. Os surdos que frequentam a escola regular demonstram inúmeras dificuldades lingüísticas. Neste momento atual, diante da inclusão que ora está sendo vivenciada, pode-se constatar que ainda é uma utopia este sistema inclusivo (MACHADO, 2008).

Torna-se visível que as pessoas rotuladas na sociedade por carregarem em si ou em sua personalidade a marca da diferença, não têm na prática seus direitos de cidadania respeitados. Diante desses questionamentos, surgem vários fatores que interferem no processo educacional.

Capítulo 3: Fatores Educacionais Relacionados à Construção da Identidade Surda

O segmento educacional relaciona-se significativamente com o processo de formação social, cultural e identitária. Dessa forma, percebe-se que aspectos

educacionais podem estar positivamente relacionados à construção da identidade surda. Alguns desses aspectos serão explorados a seguir.

Recursos visuais à dispor da educação

Segundo Perlin (2005), o surdo tem experiência visual como marca exclusiva e não se compara a cultura ouvinte, que é constituída de símbolos auditivos. A escrita é um dos recursos visuais do qual o surdo se apega constantemente, embora as dificuldades sejam demasiadas no que tange a aproximação em termos comparativos a escrita ouvinte. A identidade do ser surdo é constituída exclusivamente dentro de uma cultura com recursos visuais. Para facilitar a vida social do surdo é necessário ampliar os recursos visuais para sua ampla acessibilidade. Pois os recursos existentes ainda são poucos.

Investimento na cultura surda (convivência com o outro igual)

Para Perlin (2005), Sá (2006) e Strobel (2008), o encontro e a convivência entre os iguais são fundamentais. O surdo necessita do seu igual para construir a identidade surda e perpetuar as atividades criadoras, símbolos e práticas inerentes a sua cultura que é diferente da cultura ouvinte. Dentro de um contexto escolar, tudo isso vem facilitar o entrosamento entre o ensino e a aprendizagem, e conseqüentemente o interesse do estudante surdo (PERLIN, 2005).

De acordo com Sá (2006), o surdo pode permitir uma aproximação com a cultura majoritária ouvinte, tendo como embasamento a cultura surda e suas subjetividades. É preciso que o surdo se veja como sujeito pertencente de uma sociedade, e por isso, se faça inserido no eixo do cultivo de relações, através de sua própria cultura. Strobel (2008) diz que o fato de todos estarem dentro da mesma escola, surdos e ouvintes, não significa que estão incluídos. A inclusão envolve toda a sociedade, entretanto esse movimento inclusivo não respeita o surdo como diferença cultural, mas o categoriza como *deficiente* que precisa entrar no ritmo de normalização da cultura ouvinte.

Professores surdos em sala de aula

A educação precisa ser direcionada na intenção de favorecer a identidade do surdo, admitindo a participação do professor surdo nesta tarefa. A assistência de professores surdos nos projetos educacionais é bastante favorável, pois possibilita edificar uma ação pedagógica bem parecida com a que é direcionada aos alunos ouvintes, junto às famílias e professores. Para isto, urge a preparação desses educadores surdos, que irão atuar como multiplicadores e agentes, no sentido de ampliar as potencialidades de desenvolvimento intelectual que tem os alunos surdos, para que possam assumir prazerosamente suas identidades culturais (PERLIN, 2005; SÁ, 2006)

Políticas públicas de inclusão

O surdo tem direito a ter uma educação legítima dentro das suas subjetividades e que considere a sua identidade surda. Isto pode se tornar possível em uma escola específica para surdos. A comunidade surda e todos os envolvidos neste contexto procuram deixar em desuso as atuais alusões, apresentando uma nova teoria denominada de *Estudos Surdos em Educação*, na tentativa de ampliar e aproximar a realidade contemporânea estável, entre o conhecimento e o raciocínio estabelecido pelos sujeitos surdos (SKLIAR, 1998; EDLER, 2004; STROBEL, 2008; LONGMAN, 2008).

Como todo cidadão, o indivíduo surdo também tem direito a um sistema educativo que leve em consideração sua identidade surda. Este processo só será vivenciado, de fato, em uma escola de surdos. (SKLIAR, 1998). A diversidade é tema central nos dias de hoje, pois muito se tem discutido na sociedade entre todos os aspectos, sejam eles culturais, de gênero, de habilidades, em destaque as comunicativas. Respeitar as diferenças dá ênfase, principalmente, no setor educacional e restringe a homogeneidade dos estigmas, dos preconceitos e limitação de conhecimentos (EDLER, 2004).

Uma política pública de inclusão, só seria bem acatada desde que ela reconhecesse o bilinguismo como uma proposta indispensável e fundamental na

aprendizagem do surdo desde a sua infância. A convivência com os seus pares e a ênfase dada à língua de sinais assegurariam maiores possibilidades de aprendizagem, através da sua língua natural e a assimilação do português por meio de técnicas e estratégias visuais, garantindo ao surdo a construção das suas subjetividades surdas. A educação bilíngüe não concorre em segregar o surdo, pelo contrário, dá o suporte necessário ao desenvolvimento cognitivo mais adequado, ao aprendizado correto da língua de sinais e o português escrito como sua segunda língua. (LONGMAN, 2008)

3.1 O bilingüismo como filosofia educacional

Como mencionado anteriormente, pode-se entender a educação bilíngüe não apenas como uso e prática de duas línguas, mas principalmente como uma educação multicultural. Uma educação bilíngüe multicultural dá, não apenas prioridade a língua materna do surdo, como privilegia fundamentalmente a identidade e a cultura.

Na visão bilíngüe, a língua de sinais é a língua natural do surdo e o português é a língua majoritária na concepção oral e /ou escrita. O principal elemento de defesa do bilingüismo é a participação dos iguais, dos pares e também com todos os outros da comunidade escolar, numa efetiva colaboração. Isso representa mudança na concepção sobre os surdos e a surdez. (SÁ, 2006; MACHADO, 2008; LONGMAN, 2008).

Os últimos parágrafos exploraram aspectos educacionais que, uma vez atendidos, podem contribuir na formação da identidade criativa e politicamente ativa do aluno surdo. No entanto, nem sempre a situação é favorável. Em seus escritos, estudiosos também mencionam fatores que podem contribuir de forma não desejável para essa construção. Infelizmente, esses fatores são freqüentemente constatados em ambientes escolares. Vejamos a seguir.

A educação em posição subalterna

Conforme Sá (2006), remanescências tradicionais dos modelos terapêuticos empregados, há muito tempo na educação de surdos, justificam novos métodos que ainda dão pseudônimos aos surdos como pessoas ‘deficientes’. E por outro lado, os discursos científicos não valorizam a história dos próprios surdos e omitem formas, significados e entendimento de mundo da surdez e do surdo.

Atualmente, inúmeras propostas pedagógicas assumem a qualificação de “bilíngüe”. Mesmo que sejam utilizadas duas línguas, entretanto não dá destaque à surdez como diferença política, nem valoriza a realidade da cultura e da comunidade surda. Como consequência, a educação de surdos permanece em posição subalterna. Ela recebe novos nomes, no entanto não tem novas designações e verdadeiro significado. A escola esperada e desejada pelos surdos tem que apresentar avanços de conscientização dos educadores por uma educação plural, que prestigie os diferentes saberes na produção do conhecimento e que considere o mundo dos grupos minoritários.

O exclusivismo da língua portuguesa

Para Quadros (2006) e Machado (2008), políticas públicas procuram garantir a educação de alunos surdos de forma sistemática na rede regular de ensino por intermédio da língua de sinais. No entanto, geralmente isso ocorre através da presença de um intérprete. Os autores acreditam que essas ações favorecem a política lingüística, que tem como eixo central o português e que tem a Libras como moderadora, porém continuando fiel a língua majoritária.

A luta permanente dos surdos não se restringe apenas a uma escola pública de qualidade em língua de sinais. Suas aspirações vão mais além dos espaços escolares, que ora só estão adequados para ensinar e aprender dentro da cultura ouvinte, com uma comunidade que usa a língua portuguesa e cultiva esse dialeto a todo o momento, em toda parte e em qualquer fase de sua vida. Observa-se que isso vem na contra mão das propostas de inclusão (QUADROS, 2006). Sabe-se que o surdo durante muito tempo, tem sido vítima de imposição lingüística do ouvinte (MACHADO, 2008).

A escola não reconhece a diferença

A escola precisa repensar sobre seu papel social e a quem ela representa. Aceitar todos que chegam até ela, não significa mantê-los em seu interior e, muito mais do que isso, não dá conta da grande demanda de sujeitos que necessitam de diferentes formas e ritmos de aprendizagem. Diante da situação da comunidade surda, o que se observa é que através da história da educação, existe uma grande lacuna, de largas proporções, que é a inexistência de uma língua que seja comum entre o educador e o aluno surdo. Conseqüentemente, não há condições de comunicação, de troca, de entrosamento, de transmitir conteúdo escolar. Isso acarreta enorme dificuldade na aprendizagem do surdo, e baixa a qualidade de sua educação. Nos dias atuais, em que a globalização é quem comanda o que deve ser favorável a uma escola de surdos, parece até ser contrário ao bom senso. Mas não é. Essa escola que reconhece as diferenças pode ser possível. É uma escola idealizada, porém abafada pelos planos políticos. Ela seria indispensável no atendimento de igualdade de direitos, porque seria erguida sobre as bases sólidas das diferenças culturais e lingüísticas (MACHADO, 2008; STROBEL 2008).

O que se constata nas escolas regulares atuais é a falta de respeito à diferença surda, o aluno surdo incluso ver-se envolvido num emaranhado de dificuldades de adaptação, problemas de subjetividades e não compartilham suas identidades culturais (STROBEL, 2008).

O Surdo não tem espaço

Quando não se reconhece a diferença nem mesmo na escola, o surdo perde espaço dentro da sociedade. Para Sá (2006) e Strobel (2008), os surdos fazem parte de um grupo social que vem se arrastando nas bordas do mundo econômico, político e educacional. A surdez é de representação social, portanto existe uma interferência de poderes no conceito da surdez.

Dentro desse raciocínio, percebe-se que os surdos terminam sendo pressionados a ficar longe do exercício do seu poder. Os poderes já institucionalizados

negam a eles o direito de ingresso a informação, a educação, (inclusive a básica) e a sua língua materna. Como consequência dessas privações, um grande obstáculo permanece dificultando a ascensão social do surdo, principalmente aos cargos mais elevados no mercado de trabalho, aos direitos jurídicos, etc. É comum diante das políticas de significação dos grupos majoritários, imporem ao surdo sempre posições subalternas e também criam uma distância social, colocando permanentemente em desvantagem os que são diferentes, ou mesmo negando os direitos que todo cidadão merece ter na sociedade (SÁ 2006).

Nota-se que é imprescindível respeitar os espaços que os surdos vêm conquistando através da sua criação cultural, diante da sua longa história de lutas. Geralmente, com relação aos direitos de igualdade na sociedade, os ouvintes são preferidos dentro das diversas instituições: escola, empresas, universidades e até em templos religiosos (STROBEL, 2008).

Foram apresentadas as teorias fundamentadas nas discussões de alguns estudiosos e autores importantes que, há muito, expõem para toda sociedade seus relatos, pesquisas e experiências na área da surdez, educação inclusiva, identidade, cultura surda e áreas afins. A seguir, serão abordados os relatos metodológicos e analíticos deste trabalho.

Capítulo 4: Aspectos Metodológicos do Estudo

O curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos, coordenado pelo Centro SUVAG de Pernambuco em parceria com a Faculdade Santa Helena, e subsidiada financeiramente pela Secretária Estadual de Educação, teve início em fevereiro de 2008 com duração prevista de dezoito meses. O curso foi pensado como um momento de reflexão e de produção de conhecimentos sobre Libras, identidades, histórias e pedagogias surdas.

As disciplinas oferecidas no curso conduziram os alunos a uma reflexão interdisciplinar, no entanto, um pequeno número de pesquisas e de informações atualizadas sobre a Comunidade Surda no Estado de Pernambuco e a escassa bibliografia, sobre o tema, dificultava a elaboração das monografias. Para superar este impasse, elaborou-se um projeto de pesquisa intitulado *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade* em uma perspectiva de construção coletiva com a participação direta de professores e alunos do curso de pós-graduação em Estudos Surdos.

Pretendeu-se, com esta pesquisa, apreender a realidade educacional, social, política, cultural e econômica dos Surdos, sobretudo daqueles que freqüentam a rede pública de ensino. As informações coletadas servirão de base para um conhecimento e uma reflexão coletiva e de fonte primária para estudos posteriores.

O caráter investigativo e pedagógico de investigação permitiu um novo modelo de orientação de monografias, que articulou a pesquisa coletiva com o fazer monográfico individual. O objetivo foi, não apenas preencher as lacunas do conhecimento sobre os sujeitos surdos, mas também contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas educacionais, para este grupo cultural.

Para cada grupo populacional investigado, foi elaborado um questionário envolvendo os aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos da vida do surdo. No total, foram três questionários categorizados de acordo com o entrevistado, a saber: pais de surdos, professores de surdos e alunos surdos.

Os questionários foram aplicados por todos os professores e alunos do curso. Foi feito um levantamento de informações que serviu de base para a formação do perfil do surdo e também como fonte para as monografias individuais.

De acordo com a Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Ministério da Saúde, toda pesquisa que envolve seres humanos como participantes deve ser avaliada por um comitê de ética em pesquisa, geralmente vinculado a instituições autorizadas. Seguindo a resolução, o projeto de pesquisa (*Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*) foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da

Universidade Federal de Pernambuco, e foi aprovado sob o número de protocolo CEP/CCS/UFPE: nº 319/08.

A coleta coletiva de dados foi realizada em locais de encontros sociais de surdos, tais como: Associação de Surdos de Pernambuco (ASSPE), escolas da rede estadual de ensino, e o Centro Suvag de Pernambuco (instituição de referência sobre educação de surdos em Recife).

Após a coleta, os dados foram apurados e distribuídos em tabelas organizadas também de acordo com a população investigada. Professores e alunos também participaram dessa etapa. Diversas planilhas foram elaboradas e ficaram disponíveis para consulta dos alunos, que começaram, em seguida, a escrever suas monografias individuais sob orientação de professores.

Dentro dessa dinâmica, o presente estudo, intitulado *Aspectos Educacionais na Construção da Identidade Surda*, foi desenvolvido como monografia realizada com enfoque investigatório, nas particularidades educacionais, relacionadas à construção da identidade surda. Para isso, foram selecionadas, dos questionários utilizados na pesquisa coletiva, questões relacionadas aos aspectos que podem contribuir ou dificultar na construção da identidade surda, no eixo do segmento educacional.

A população que foi submetida a esta pesquisa são professores pertencentes à rede pública estadual de educação de escolas da área metropolitana da cidade do Recife, como também professores de instituição de filosofia bilíngüe.

Apresenta-se, para esta finalidade, um total de nove questões com suas respectivas análises e discussões, que foram baseadas em dados concretos, comparando-se grupos e estabelecendo percentuais entre si. Os resultados obtidos são apresentados em forma de textos. As análises desses resultados tiveram como base as inferências dos aspectos que contribuem favoravelmente na construção da identidade do surdo e, por outro lado, os aspectos que dificultam essa construção.

Capítulo 5: Um olhar empírico sobre os aspectos que influenciam na construção da identidade surda

Esta investigação foi promovida com a finalidade de apurar os dados relacionados às teorias, já registradas, a respeito de aspectos educacionais que interferem na construção da identidade surda. Dentro dos aspectos que foram investigados, valiosos depoimentos foram relatados por meio de perguntas relacionadas ao uso da língua de sinais, a fluência nessa língua, a aprendizagem do

aluno surdo com professores bilíngües, a preparação do docente antes da inclusão do surdo, os benefícios oriundos dessa inclusão, se o professor está estudando libras, se a comunidade escolar fala a língua do aluno surdo e ainda analisou-se a presença e/ou ausência do professor surdo em sala de aula e se o professor utiliza métodos de avaliação específicos para alunos surdos.

As informações coletadas dos professores serão apresentadas nos próximos parágrafos, seguidas de reflexões à luz dos autores abordados no capítulo de revisão de literatura.

Como visto anteriormente, o uso da língua de sinais pode ser considerado um requisito básico e fundamental na formação de um ambiente favorável à construção de uma identidade surda. Quando os professores foram indagados se faziam uso da Libras, 57,1% deles responderam que sim. Pode-se considerar um percentual 'tímido', considerando que todos os professores de surdos deveriam fazer uso da língua natural dos surdos, a Libras.

Sem a interação professor-aluno, através da língua de sinais na rotina desses estudantes, o que resta é uma aprendizagem cheia de lacunas pela falta de comunicação, diálogo e entrosamento. Para que a educação de surdo deixe de estar num patamar de educação, em posição subalterna, faz-se necessário que, os professores usem a mesma língua de seu aluno surdo. Como mencionado por Perlim (2005) e Sá (2006), a situação ideal seria uma escola pra surdos com maior quantidade de professores surdos, mas uma vez que essa realidade ainda está distante, os professores ouvintes, que trabalham com alunos surdos, deveriam, no mínimo, ter domínio da língua de sinais, para que a escola seja um veículo facilitador na expansão do conhecimento e interação da identidade surda. Sá (2006, p.336-337) aponta que é importante se questionar sobre o papel que cabe à escola no contexto da educação, principalmente, no que diz respeito à participação dos surdos no processo educacional.

Os professores também foram indagados se estão fazendo algum curso de Libras. O objetivo dessa pergunta foi verificar o interesse desses professores em se aproximar do mundo surdo. Ao contrário do que se imaginava, a grande maioria (88,5%) respondeu que não está fazendo curso de Libras. O fato do professor não procurar conhecer a língua de sinais, mostra uma falta de reconhecimento da diferença, por parte do agente principal no processo de ensino e aprendizagem, que é o professor. Se a falta de reconhecimento é percebida no profissional mais próximo do aluno surdo, podemos imaginar como agem os demais.

Por outro lado, alguns fatores podem estar também relacionados a essa alta porcentagem de falta de investimento na aquisição da Libras. A carga horária desse profissional pode estar sobrecarregada de aulas a serem cumpridas, muitas vezes distribuídas em duas ou três escolas, que não lhe resta tempo para aprender uma nova língua. Mesmo que acredite que esse aprendizado iria repercutir favoravelmente na sua interação com os alunos surdos inclusos e assim desenvolver, de forma positiva, a inclusão escolar dos surdos, e, conseqüentemente, valorização da identidade surda.

Em nível de sugestão, poderia provavelmente se encontrar um meio, dentro da carga horária do professor que lida com alunos surdos inclusos, de capacitação em língua de sinais. Isso poderia acontecer dentro do próprio ambiente escolar, como capacitação em serviço, nos três turnos. A proposta não deveria atender apenas o segmento de professores, mas também toda a comunidade escolar. Dessa forma, presumi-se que a escola estaria caminhando rumo a um maior reconhecimento da diferença, através do uso da Libras e do incentivo à cultura surda.

Assim como cita Strobel (2008, p.99) sobre esta realidade:

Infelizmente a maioria das escolas segue espaços não preparados para estas diferenças como é o caso da inclusão de alunos surdos em escolas regulares. Eles deparam-se com dificuldades de adaptação e com problema de subjetividades, porque nestas escolas não compartilham suas identidades culturais.

Ainda dentro da mesma temática, foi perguntado aos professores sobre quais profissionais, dentro do ambiente escolar que ele trabalha, usam Libras. O intérprete e o professor aparecem como os únicos a usar esta língua. Observa-se que o aluno surdo fica limitado diante da convivência, diálogo e interação. Denota-se um exclusivismo da língua portuguesa e falta de reconhecimento da língua e da cultura surda.

Pode-se, neste momento destacar alguns itens relacionados ao papel do intérprete e do professor que aparecem como os únicos a usar a Libras dentro da comunidade escolar. O intérprete está no seu papel de tradutor (de português para Libras) diante do professor que usa critérios metodológicos nos conteúdos que perpassa ao alunado. Na escola inclusivista, a presença do intérprete é utilizada dentro das atuais políticas públicas de inclusão como principal estratégia. Na verdade, essa é uma mera ilusão, pois quando o aluno surdo ainda não tem domínio sobre a sua língua natural, sua aprendizagem torna-se bastante árdua. Com a assistência do professor surdo o processo ensino aprendizagem ocorrerá de modo favorável, pois irá possibilitar a interação cultural, lingüística e cognitiva do aluno surdo.

Supõe-se que, alguns professores que dizem usar Libras, podem apenas utilizar alguns poucos sinais e conhecer apenas o alfabeto manual. Isso não significa domínio e fluência nessa língua. O aluno surdo não pode simplesmente compor a comunidade escolar apenas como mais um sujeito ali presente sem interagir em seu meio. Faz-se necessário vivenciar a sua cultura, história e integrar a sua língua como principal instrumento para o seu desenvolvimento cognitivo, amadurecimento e constituição de sua identidade.

Diante da pergunta que indaga o auto conceito na fluência da Libras, as respostas seguem o mesmo padrão que vem sendo apresentado: 62,9% dos entrevistados responderam que não são fluentes em Libras, Possivelmente esses professores necessitam de capacitação e preparo específico para possibilitar a

interação do aluno surdo e a sua expectativa de aprendizagem igual a dos alunos ouvintes dentro do sistema de inclusão.

Supõe-se que, quando essas ações não são implantadas, surgem aspectos que influenciam de maneira desfavorável a construção da identidade surda sob o ponto de vista educacional. Entre esses se pode destacar o pouco domínio sobre a Libras e o desconhecimento da cultura surda.

Os dados obtidos na investigação sobre a presença de um instrutor ou professor surdo na sala de aula, mostram a não contemplação de aspectos favoráveis ao desenvolvimento do aluno surdo. Um total de 77,1% dos entrevistados respondeu que não existe professor ou instrutor surdo na sua sala de aula. Pode-se dizer que se a situação fosse justamente o contrário da apresentada, estaríamos falando de aspectos favoráveis à construção da identidade surda, tais como: a convivência com o outro igual e o desenvolvimento da cultura surda. No entanto, o cenário é desfavorável.

A presença do professor surdo no quadro de docentes da comunidade escolar funciona como um triunfo para os alunos surdos. Nesses casos, a inclusão é contemplada, não apenas no segmento educacional, mas também com a inserção do surdo na sociedade, como um todo, na conquista de espaço político e social. Diz Longman (2008): “Os surdos precisam da convivência com os iguais surdos, não só para aprenderem com competência a Libras, mas também para possibilitar a construção das identidades surdas.”

Quando os entrevistados (professores) foram indagados quanto à aplicação de uma avaliação diferenciada para os seus alunos surdos, 71,4% responderam que não o fazem. Diante desse dado, ressurgem o não reconhecimento da diferença, a educação de surdos, mais uma vez, é vista em posição subalterna e o exclusivismo da língua portuguesa se mostra novamente presente. Todos esses aspectos juntos não contribuem para a construção da identidade surda.

Analisando a questão e os dados obtidos sobre o preparo dos professores, alunos ouvintes e de todos que fazem à comunidade escolar, quanto à cultura e identidades dos surdos, foi encontrado que 62,9% dos entrevistados responderam que não tiveram nenhum preparo anterior a inclusão do surdo.

Supõe-se, então, que profissionais são aleatoriamente submetidos a trabalhar com indivíduos que usam uma língua diferente da sua, apresentam traços culturais peculiares e trazem desafios educacionais por serem primordialmente visuais em um mundo com métodos de ensino feitos para ouvintes. Sequer são introduzidos (ou se fazem introduzir) a esse mundo de diferenças antes, de se posicionarem como participantes ativos de interações sociais.

Em outras palavras, as políticas de inclusão estão sendo implantadas aleatoriamente. O professor tem que fazer de conta que dá conta do serviço e o aluno surdo faz de conta que aprende (geralmente pedindo ajuda aos colegas ouvintes, que muitas vezes ajudam no fazer por ele). Percebe-se que muitos professores têm boa vontade e até ficam angustiados em não poder oferecer o que seu aluno surdo precisa, para alcançar o seu pleno desenvolvimento.

Para embasar essa discussão, podemos citar Edler (2004, p.17):

A igualdade diz respeito aos direitos humanos e não as características das pessoas, enquanto seres que sentem, pensam e apresentam necessidades diferenciadas e que, por direito de cidadania, devem ser compreendidas, valorizadas e atendidas segundo suas exigências biopsicossociais individuais. Em decorrência fazem jus à equiparação de oportunidades de acesso, ingresso e permanência com êxito, na escola, buscando-se ultrapassar seus limites, até porque desconhecemos a extensão da potencialidade humana.

Uma pergunta relacionada ao aprendizado do surdo fez o professor pensar se os alunos surdos aprendem mais em salas de aulas com professores usuários de Libras, do que em salas de aulas com professores ouvintes e intérpretes. De todos os professores entrevistados, 62,9% responderam que sim, concordam. Observa-se que

esse fenômeno de concordância pode ser considerado como um aspecto educacional que influencia favoravelmente e contribui na construção da identidade surda, pois mostra que, a maioria dos professores, acredita no bilingüismo como um eixo de transformação favorável ao desenvolvimento educacional do surdo.

No entanto, uma quantidade razoável da população entrevistada disse não acreditar nisso. Pressupõe-se que, diante deste fato, existe a total falta de conhecimento sobre a cultura do aluno surdo por parte do professor ouvinte, usuário apenas da língua portuguesa. Pode-se também pensar que é bem mais cômodo para o professor deixar nas mãos do intérprete tudo que diz respeito aquele aluno diferente que ele (o professor) não pode ou não quer entender.

Durante a análise da questão que traz a opinião do professor sobre a política de inclusão para os alunos surdos (e o que ela favorece), observou-se que, grande parte dos professores entrevistados, respondeu que a política de inclusão para os alunos surdos favorece a integração com os ouvintes. Nota-se que esse ponto de vista da maior parte dos entrevistados demonstra o desconhecimento quanto à legitimidade da cultura e subjetividades do ser surdo. E mais do que isso, deixa no ar a seguinte indagação: Será que os entrevistados sabem realmente o significado de inclusão? Supõe-se que eles tenham em mente que inclusão seja o ato de colocar todos juntos no mesmo ambiente, na mesma escola, na mesma sala, com o professor usando o método de sempre e utilizando a mesma língua para todos.

Outros questionamentos também surgem como, por exemplo: Como acontecerá essa integração se os ouvintes não conhecem a Libras? E como é sabido, língua é sinônimo de comunicação, de entrosamento e troca de experiências. Se a comunidade escolar não fala a mesma língua dos alunos surdos, esta integração fica muito vaga e a inclusão recheada de lacunas. Todo esforço que consiste em desenvolvimento de habilidades cognitivas, tem como ponto de partida a língua utilizada como principal instrumento de viabilização e construção de conhecimentos. Conseqüentemente haverá uma aprendizagem mais segura e valorização da cultura e identidade. Isso aconteceria

com os alunos surdos inclusos se todos esses fatores fossem levados em consideração.

Ao final desta análise e discussão, torna-se indispensável apresentar algumas sugestões no que se refere aos dados que contemplam vários outros aspectos anteriormente abordados, dentre eles: 1) O uso de recursos visuais na educação de surdos, 2) Educadores surdos ausentes na construção de políticas públicas de inclusão e 3) A dominação etnocêntrica do ouvinte na construção de métodos e procedimentos educacionais. Estes aspectos são apresentados em nível de sugestões para estudos posteriores, de forma mais aprofundada.

Capítulo 6: Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo analisar a influencia de aspectos educacionais na construção da identidade surda. Com este respaldo surgiram vários achados relacionados aos aspectos que contribuem na construção da identidade surda e por outro lado também aparecem os aspectos que dificultam essa construção.

As principais reflexões sobre os resultados obtidos, nesta pesquisa, mostram que os aspectos educacionais que não contribuem na construção da identidade surda, têm mais influencia dentro da sociedade majoritariamente ouvinte, que desconhece a língua e a cultura do surdo. As políticas públicas de inclusão não contemplam a

comunidade surda dentro das suas subjetividades, no tocante a língua e a cultura, e tenta remediar a situação com a estratégia de colocar um intérprete como principal elo, para o aluno surdo incluso, entre o conhecimento sistemático e o professor.

Mais adiante, se encontra o professor sem preparação para receber o surdo e daí vai surgindo toda uma gama de aspectos e fatores que sempre estiveram presentes na educação que é oferecida ao aluno surdo, e que de tempos em tempos, reaparecem sob novos pseudônimos, mas sem nenhuma ressignificação para o povo surdo.

A escola é o principal grupo social, depois da família, para a socialização e formação de saberes. Para o surdo, teria o mesmo significado se essa escola estivesse preparada para recebê-lo e entendê-lo. No entanto, o aluno surdo continua sendo um forasteiro em terra estranha que para ser entendido, precisa da ajuda de um intérprete e, raramente, professores têm conhecimento da língua do seu aluno surdo incluso. Portanto, torna-se difícil dizer que este aluno está mesmo recebendo o que lhe é de direito para o seu pleno desenvolvimento cognitivo, social, lingüístico e identitários.

Referências Bibliográficas

EDLER, ROSITA C. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 176

LONGMAN, LILIANE V. A educação infantil nas políticas de inclusão. In: Qualidade social na educação básica, 2008, Recife. **Anais...** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 28 a 30 de maio 2008.

MACHADO, PAULO C. **A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo**. Florianópolis: UFSC. 2008. 174p.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, CARLOS. (Org.). **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005. P.52-72.

QUADROS, MÜLLER R. **Políticas lingüísticas e educação de surdos em Santa Catarina**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/ao3v>
Acesso em: 24 jun.2009.

SÁ, N.; REGINA, L. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SKLIAR, CARLOS. **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2º ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, KARIN. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.118 p.

APÊNDICE A

Perguntas utilizadas para análise retiradas do questionário para professores. Pesquisa (figurações culturais: surdos na contemporaneidade) elaborada pelo curso de especialização em Educação Especial: Estudos Surdos, tendo como coordenadores o centro SUVAG de Pernambuco e a Faculdade Santa Helena.

06 - Você usa LIBRAS?

a) Sim () a) Não () 00 NR ()

35 - Você está fazendo algum curso de LIBRAS?

a) Sim () a) Não () 00 NR ()

65 - Você é fluente em LIBRAS?

a) Sim () a) Não () 99 NS () 00 NR ()

75 - Quem na sua escola fala LIBRAS? (Você pode assinalar mais de uma alternativa).

a) Diretor (a) ()
 b) Professor (a) ()
 c) Secretário (a) ()
 d) Intérprete ()
 e) Outro Funcionário (a) ()
 99 NS ()
 00 NR ()

79 - Tem professor (a) (instrutor (a)) surdo (a) na sua sala de aula?

a) Sim () a) Não () 00 NR ()

87 - Você faz uma avaliação especial para seus (as) alunos (as) surdos (as)?

a) Sim () a) Não () 00 NR ()

93 - Houve palestras e preparação na escola ou nas salas de aula para professores e alunos ouvintes sobre as culturas e identidades dos surdos, antes da inclusão de surdos (as)?

a) Sim () a) Não () 00 NR ()

97 - Você concorda que os surdos aprendem mais em salas de aula com professores usuários de LIBRAS do que em sala de aula com professores ouvintes e intérpretes?

a) Sim () a) Não () 99 NS () 00 NR ()

146 - Na sua opinião, a política educacional de inclusão para os alunos surdos, favorece:

(Você pode marcar mais de uma resposta)

- a) a aprendizagem ()
- b) integração com os ouvintes ()
- c) integração com outros professores ()
- d) a participação em atividades extracurriculares da escola ()
- e) todas as respostas ()
- f) nenhuma das respostas ()
- 99 NS ()
- 00 NR ()

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS: Denise Costa Menezes / Liliane Longman

INSTITUIÇÕES: **Universidade Federal de Pernambuco / Centro SUVAG de Pernambuco/ ASSPE**

Esse termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*. Se decidir participar, é importante que leia estas informações sobre o estudo e o seu papel nesta pesquisa. A qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com esta instituição. No caso de você decidir não participar mais deste estudo, deverá comunicar ao profissional e/ou o pesquisador que o esteja atendendo. É preciso entender a natureza e os riscos da sua participação para dar o seu consentimento livre e esclarecido.

Objetivo

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer com maior profundidade a situação educacional, social, econômica, cultural e política dos surdos, analisando as suas múltiplas *experiências* e apreender as suas *expectativas de vida e de trabalho*.

Procedimentos da Pesquisa

Se concordar em fazer parte desta pesquisa, sua participação será responder a um questionário e/ou uma entrevista, aplicado(a) pelos pesquisadores, por ocasião agendada por você. O questionário contém perguntas diretas e objetivas sobre dados de identificação e aspectos socioculturais relacionados a surdos.

Riscos e desconfortos

Ao responder as perguntas, você poderá ter desconforto pelo tempo que gastará, ou sentir algum tipo de constrangimento pelo conteúdo da pergunta. Caso isso aconteça, avise ao entrevistador que irá imediatamente interromper o procedimento.

Benefícios

As informações coletadas poderão ser importantes para o maior conhecimento da educação de surdos e uso da língua e sinais. Isso trará benefícios para a comunidade de surdos que você faz parte.

Custos / Reembolso

Você não terá nenhum gasto e não será cobrada pela sua participação no estudo. Além disso, não receberá nenhum pagamento pela sua participação.

Caráter confidencial dos registros

Algumas informações obtidas a partir da participação nesse estudo não poderão ser mantidas estritamente confidenciais (em segredo), porém quando o material do seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa, sua identidade será preservada, ou seja, você não será identificado(a) de forma alguma.

Para obter informações adicionais

Você receberá uma cópia deste termo constando o telefone da pesquisadora e poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora responsável: DENISE MENEZES– telefone (81) 91136583/ Liliane Longman : 34453965/ 32272052

Declaração de consentimento

Li, ou alguém leu para mim, as informações deste documento antes de assinar esse termo de consentimento. Declaro que tive tempo suficiente para entender as informações acima. Declaro também que toda linguagem utilizada na descrição desse estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi resposta para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou o meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar desse estudo.

Assinatura do participante

Local e data

NOME EM LETRA DE FORMA

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao participante e/ou seu representante autorizado. Tenho bastante clareza que o participante e/ou seu representante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível e que ela compreendeu essa explicação.

Assinatura do pesquisador

Local e data

Assinatura da Testemunha 1

Local e data

NOME EM LETRA DE FORMA

Assinatura da Testemunha 2

Local e data

NOME EM LETRA DE FORMA

N244a NASCIMENTO,Risomar Souza do.

Aspectos Educacionais na Construção da Identidade Surda/ Risomar Souza do
Nascimento. Recife,2009. .

Monografia (para o Curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos.) –
Faculdade Santa Helena.

1. Assunto: Surdo – Identidade - Educação.